



ENTRE A SUCESSÃO E A SIMULTANEIDADE: A CAUSALIDADE EM F.H. JACOBI

Between Succession and Simultaneity: The Causality in F.H. Jacobi

Douglas William Langer *

Resumo: Este trabalho pretende analisar a maneira como Jacobi em seu *David Hume über den Glauben oder Idealismus und Realismus* (1787) utiliza-se da argumentação espinosiana na solução da problemática cética apresentada por David Hume com relação à possibilidade de ligação causal entre entes inteiramente diferentes. Sem apelo à razão pura kantiana, ele serve-se, para tal, da noção de Espinosa de razão. Por meio dela, torna-se possível deduzir um conceito de causalidade válido universalmente a partir do campo físico, e assim construir uma resposta à imaginação, âmbito responsável pela falsidade, uma vez que é incapaz de apreender a totalidade das relações causais que se faz presente apenas na eternidade de acordo com a concepção espinosiana. Para ambos, portanto, a realidade efetiva configura-se como um todo simultâneo, sendo a sucessão, mera ilusão. A concordância com Espinosa, todavia se desfaz no que tange à origem da própria experiência. Jacobi caracteriza-a como matéria de fé, assentando-a em um Deus transcendente, fundamento do que ele chamou de vida, um complexo abrangendo sujeito, objeto e sua relação. Uma compreensão radicalmente dispare é apresentada por Espinosa na sua *Ethica More Geometrico Demonstrata* (1677).

Palavras-chave: Causalidade, Eternidade, Imaginação, Razão, Deus.

Abstract: This paper aims to analyze the way which Jacobi in his work *David Hume über den Glauben oder Idealismus und Realismus* (1787) uses Spinoza's argumentation in an attempt to solve the skeptical question introduced by David Hume, about the casual bind between different beings. Rejecting the Kant's solution by pure reason, he finds out an answer in the spinozian notion of reason. Through this, it is possible to deduce a universally valid concept of causality from the physical space, in response to the imagination, scope in which lies the falsity, inasmuch as it does not reach the totality of causal relations in the eternity as Spinoza conceives. To both philosophers, therefore, the actuality sets in a simultaneous whole, and the succession, a mere illusion. However, the agreement ends when Jacobi understands the origin of the experience as matter of faith, and asserts a transcendent God as the origin and fundament of life which embrace subject, object and the relation of them. Something totally different from that immanence which Spinoza conceives in his *Ethica More Geometrico Demonstrata* (1677).

Keywords: Causality, Eternity, Imagination, Reason, God.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Bolsista CAPES. E-mail: douglas.wla@gmail.com.

Introdução – Hume contra Kant: o Estatuto Ontológico da Representação

O campo devastado o qual a *Pantheismusstreit* deixara para trás serviu de terreno fértil para a popularização da primeira crítica kantiana^{1 2}, ao mesmo tempo que de pavimento pelo qual a filosofia de Espinosa adentrou ao círculo filosófico alemão como nova ferramenta nas discussões a respeito da mesma³. Destaca-se como representante dessa tendência sobretudo, F.H. Jacobi que anos antes fora responsável pelo estopim do quiproquó em torno da figura de G.E. Lessing, após publicar seu *Die Lehre des Spinoza* (1785)⁴, em que toma este último como interlocutor correligionário ao *espinosismo* em um diálogo supostamente ocorrido em 1779. Para além do recorrente retrato do pensamento jacobiano enquanto filosofia cética, que se justifica pela insistência de Jacobi contra os princípios universalmente válidos deduzidos por Kant a partir dos textos de David Hume, especialmente no *David Hume über den Glauben oder Idealismus und Realismus*⁵ (1787) e de seu famoso apêndice *Über den Transzendentalen Idealismus*, pretende-se trazer à tona aqui seu emprego da argumentação de Espinosa no que se refere a pretensão da aplicação do conceito de causalidade a efetividade (*Wirklichkeit*)⁶ nesta obra.

A pergunta responsável por fundar o texto de Jacobi reside na objeção cética com relação a origem das sensações (*Empfindung*), a mesma a que Hume evocara anos antes: “A mente nunca tem presente nada mais do que as percepções e não pode experienciar a conexão com objetos”⁷. Jacobi segue o mesmo caminho - ora, se a partir da estrutura cognitiva humana é possível apreender nada mais senão o *factum* que se apresenta de modo imediato (*Unmittelbar*), a problemática a se debruçar é, portanto: “De onde você sabe disso?”⁸, ou em outras palavras: o

-
- 1 Todas as traduções presentes neste artigo são de responsabilidade do autor e foram efetuadas a partir dos textos em seu idioma original.
 - 2 “A contribuição específica de Reinhold para esse processo de popularização foi, indiscutivelmente, o movimento muito construtivo de introduzir a *Crítica da Razão Pura* na querela do panteísmo que Jacobi instigou em 1785” (DIGIOVANNI, G. (Org). Karl Leonhard Reinhold and the Enlightenment. Montreal: Springer, 2010, p. 1).
 - 3 Dieter Henrich argumenta que o fortalecimento dos textos espinosianos nesse período, deu-se sobretudo por conta da aparente derrocada do seu mais proeminente adversário pela crítica de Kant, Leibniz. (HENRICH, D. Between Kant and Hegel: *Lectures on German Idealism*. 1ª ed. Massachusetts: Harvard University Press, 2003. 341 p.)
 - 4 “Suas cartas sobre Espinosa tem o grande mérito do reconhecimento tardio do sistema de um pensador quase esquecido, e como consequência, o despertar do interesse geral, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação das ideias” (HARTMANN, N. Die Philosophie des Deutschen Idealismus. 2ª ed. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1960, p. 28. v. 1.).
 - 5 A partir daqui apenas *David Hume*.
 - 6 “Jacobi, como apontado, coloca a problemática da causalidade no sentido mais amplo no que cerne a relação de conceito e existência” (ACERBI, A. Il sistema di Jacobi: *Ragione, esistenza, persona*. Hildesheim-Zürich/New York: Georg Olms Verlag, 2010, p. 46).
 - 7 HUME, D. Enquiry Concerning Human Understanding. Oxford: Oxford University Press, 2004, p.79.
 - 8 JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p. 141.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.2	Dezembro 2018	p.149-160
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

que se sabe sobre as sensações antes de revelarem-se (*Offenbaren*) ao sujeito, antes do seu momento inaugural na consciência, uma vez que o objeto revelado nada diz a respeito da sua origem. Em um sistema representacional tal qual o kantiano, o problema se complexifica. “O efeito de um objeto na capacidade de representação, uma vez que somos por ele afetados, é sensação. A intuição que se refere ao objeto através da sensação, chama-se empírica”⁹. A distinção sugerida por Kant entre a sensação e a intuição, traz consigo a recondução do problema da origem da sensação, que se entranha cada vez mais no interior das capacidades cognitivas do sujeito representacional. É por esta razão que Jacobi dirá: “Então, você sente uma causa como causa? Você concede ter uma sensação, e nessa sensação uma outra sensação, por meio da sensação, que dessa sensação é a causa, e juntas fazem a representação”¹⁰. Essa derivação causal depende da evidência sensível (*sinnlichen Evidenz*), isto é, da garantia de que ao menos em algum momento dessa cadeia, algo externo à própria faculdade representativa a desencadeou, algo diferente das próprias condições cognitivas, e por consequência disso, externa a esta mesma (*wirklich äußerlich*). Agora mais claramente se percebem os rumos daquela pergunta fundadora, a saber: De onde surgem os objetos das representações? De um sujeito puro que as concebe ou de uma realidade externa a qual está para além das faculdades representacionais? De que as coisas se apresentem como fora do sujeito, é uma matéria a qual Jacobi isenta do crivo da prova¹¹, porém é evidente que o estatuto da realidade (*Wirklichkeit*) dessas coisas mantém-se em aberto, uma vez que, como bem apontou Reinhold dois anos mais tarde: “O conceito de uma representação em geral contradiz a representação de um objeto em sua forma particular independente da forma da representação, ou a chamada coisa em si - nenhuma coisa em si é representável”¹². O que corresponde a dizer que as coisas em si mesmas, se não são tomadas como material da representação¹³, não fazem sentido – não se pode sair da representação e conceber um “objeto puro”, não representado.

9 KrV, B34/A20. Todas as referências a *Kritik der Reinen Vernunft* (KANT, I. Kritik der Reinen Vernunft. Hamburg: Felix Meiner, 1956. 766 p.) serão identificadas pela sigla “KrV”, seguida do número das páginas das edições originais, sendo as letras “A” e “B” indicativas das edições de 1781 e 1797 respectivamente.

10 JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p. 141.

11 “Que as coisas nos aparecem como externas, sem dúvida não necessita ser provado” (JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p. 143).

12 REINHOLD, K. L. Versuch einer neuen Theorie des menschlichen Vorstellungsvermögens. Prag/Jena: Widtmann und J.M Mauke, 1795, p. 244.

13 Reinhold em seu mais extenso trabalho Versuch einer neuen Theorie des menschlichen Vorstellungsvermögens (1789) considera a representação como o conjunto da sua matéria (*Stoff*) e da sua forma (*Form*), sendo a primeira fornecida pelo objeto externo (*Objekt*). A diferença entre a matéria e o objeto reside, justamente no fato de que a matéria é o que há de representável no objeto, pois conta com a forma da representação fornecida pelo sujeito,

O que resta então a um sujeito que, de todos os lados, está limitado por seu próprio arranjo cognitivo, ou melhor, pela maneira como as coisas se apresentam a estas? Para tratar de tal problemática, Jacobi trará dos escritos humeanos, em especial, do *An Enquiry concerning Human Understanding* (1748), a concepção de crença (*belief*):

Se você perguntar para alguém, por que ele acredita em uma matéria de fato que não está presente agora para ele – por exemplo, que seu amigo está na França agora – ele vai dar uma razão; e essa razão será um outro fato, tal como aquele de ele ter recebido uma carta de seu amigo ou que seu amigo planejou viajar para a França¹⁴.

Explicita-se, destarte, o mistério por detrás da ligação causal (*bind*) entre duas coisas inteiramente distintas (presença do amigo na França – carta/plano). De acordo com Hume, essa ligação depende das experiências (*custom or habit*) que creditam probabilidade a favor de uma determinada possibilidade dentre tantas em um campo de contingência. Nesse processo, constitui-se o sentimento (*feeling*), expectativa que se atribui contra ou favoravelmente a uma das possibilidades. Que o sol nascerá no dia seguinte é uma afirmação a qual se crê, visto que esse sentimento conflui com esta hipótese, diferente daquela em que esse fato não ocorre desta maneira: “Crença é o verdadeiro e próprio nome desse sentimento”¹⁵. Para Jacobi, porém, a fé (*Glauben*) reside uma compreensão mais extensa: “Toda a questão, toda a afirmação que não se assenta em fundamentos racionais”¹⁶, nesse sentido, o próprio fenômeno, a forma como as coisas se revelam, portanto, não passam de um verdadeiro milagre (*wahrhaft Wunderbare*). A estratégia da argumentação jacobiana é encontrar na causalidade uma refutação da validade ontológica das representações a partir da filosofia cética humeana. É, não obstante, reconduzindo posteriormente o problema a uma solução com base no sistema imanente de Espinosa, que ele pretende alcançar a superação da causalidade deduzida por “periodicidade”, com um grau superior de conhecimento, o que na *Ethica More Geometrico Demonstrata*¹⁷ (1677) denomina-se de conhecimentos de segundo e terceiro gênero (*secundi et tertium generis*).

enquanto objeto por si, sem esta, permanece como uma alteridade intangível ao travejamento representacional.
In: REINHOLD, K. L. Versuch einer neuen Theorie des menschlichen Vorstellungsvermögens. Prag/Jena: Widtmann und J.M Mauke, 1795. 579 p.

14 HUME, D. *Enquiry Concerning Human Understanding*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 12.

15 HUME, D. *Enquiry Concerning Human Understanding*. Oxford: Oxford University Press, 2004, p. 23.

16 JACOBI, F. H. *Werke: Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p.140.

17 A partir daqui apenas *Ethica*.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.2	Dezembro 2018	p.149-160
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

Subjetivo e Objetivo: uma Dupla Revelação

O primeiro passo tomado nesse empreendimento é a reconciliação entre o sujeito e o objeto. Fica patente que a problemática em torno das condições representacionais só pode fazer sentido em um sistema em que se conceba subjetivo e objetivo como âmbitos cindidos, contando cada qual com uma independência onto/epistemológica¹⁸. Contra isto, Jacobi sustenta uma posição contrária àquela que Kant afirmara no início da *Estética Transcendental*: “Eu vejo a luz! O objeto contribui tanto para a apercepção da consciência, quanto a consciência para a apercepção do objeto. Eu experiencio que sou e que algo fora de mim é em um mesmo momento indivisível”¹⁹. Ou seja, o sujeito não é passivo, dono de uma receptividade estática, mas, contrariamente a isso, a consciência e as coisas dão-se de uma vez só, sem um antes ou depois, sem a *Ding an Sich* como agente responsável por afetar a capacidade de representação²⁰ – em última instância, não há representação alguma. A radicalidade da afirmação se concentra em não mais haver uma mediação entre as coisas e a consciência – há, na verdade uma dupla revelação (*zwiefache Offenbarung*)²¹. Jacobi pretende com isso, responder o argumento em prol da existência efetiva (*Wirklich*) das coisas presentes nas representações baseadas na passividade do sujeito. Argumento que para ele não se sustenta uma vez que o surgimento da consciência é tão independente do sujeito quanto todas as demais. Resta então acatar a manifestação simultânea sugerida:

Também a consciência surge para nós sem nossa intenção; nós também não somos capazes de recusá-lo, e não nos sentimos menos passivos nessas representações que naquelas que chamamos representações de coisas externas. Aonde reside a diferença entre os estados passivos?²²

18 “Para Jacobi, a chave da falha de Kant reside na sua teoria da intuição, especificamente, na restrição de toda a consciência imediata à esfera sensível” (SNOW, D.E. “Jacobi and the Development of German Idealism”. In: *Journal of the History of Philosophy*, Maryland, v.25, n.3, p. 397 – 415, 1987, p. 412).

19 JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p.175.

20 “O acesso à realidade se deve, portanto, a uma íntima ligação da razão e do sentido. De tal modo, a razão não é estranha, mas por assim dizer “circula” no interior da mesma vida sensível” (ACERBI, A. *Il sistema di Jacobi: Ragione, esistenza, persona*. Hildesheim-Zürich/New York: Georg Olms Verlag, 2010. p. 68).

21 “Nisso nós somos verdadeiramente um com o objeto e o possuímos como possuímos a nós mesmos, na certeza de uma fé que não tem prova” (WINDELBAND, W. *A history of Philosophy*. Trad. James H. Tufts. 2ª ed. New York: London Macmillan & CO, 1893, p. 574).

22 JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p. 175.

O segundo passo do texto de Jacobi contra a causalidade de Kant, é mostrar como a causalidade faz sentido apenas no campo da representação, sendo a realidade (*Natur*) um todo simultâneo, partido para isso, das demonstrações de Espinosa. O contato do autor com a filosofia espinosiana, segundo consta, remonta a seus anos em Genebra na Suíça entre os anos de 1759 e 1762. Entretanto, é apenas mais tarde que a *Opera Posthuma* sê-lhe torna acessível, mediada pelas leituras de Wolff e Leibniz²³. É especialmente da *Ethica* que a filosofia jacobiana encontrará um suporte na disputa contra o conceito de causalidade e concomitantemente, uma dedução desse conceito sem o uso da razão pura kantiana²⁴. À primeira vista, essa postura parece paradoxal, uma vez que em seu *Die Lehre des Spinoza* (1785) e em outros tantos momentos, Jacobi repudia a filosofia de Espinosa considerando-a um sistema do ateísmo, fatalismo e niilismo, porém, sua concepção de um real estático os reconcilia, ao menos nesse ponto, obviamente. Como afirma Norman Wilde: “Jacobi acha que não há explicação do elemento do tempo no mundo mutável, mas que todas as coisas são estáticas, geométricas, como no sistema de Espinosa²⁵”.

Espinosa, seguindo o modelo de divisão apresentado no *Tractatus de Intellectus Emendatione* (1677), distingue quatro modos de perceber (*percipere*): Experiência vaga, imaginação, razão e intuição, respectivamente²⁶. São, porém, apenas três destes os quais ele cunha de *cognitiones genera*. O primeiro gênero, a imaginação a que Espinosa se refere, é dependente da relação do corpo e das coisas, constituindo um conhecimento confuso (*confusae*). A razão disto, se dá pela sua dependência tanto das coisas quanto o corpo e sua relação, estando ambos atrelados à duração (*duratione*) e:

A duração de nosso corpo não depende de sua essência, nem também da natureza absoluta de Deus. Mas é determinado a existir e operar por outras causas, que também

23 “É pouco depois de seu retorno a Alemanha, que Jacobi entra em contato com a última influência a qual teve efeito determinante no seu pensamento” (WILDE, N. Friedrich Heinrich Jacobi: *A Study in the Origin of German Idealism*. New York: Columbia College, 1894, p. 23).

24 Para além da recusa da própria filosofia kantiana, no decorrer do texto se mostrará como Jacobi coaduna com a filosofia da *Ethica*, deduzindo o conceito (*Begriff*) a partir do que Espinosa chama de conhecimento do segundo gênero.

25 WILDE, N. Friedrich Heinrich Jacobi: *A Study in the Origin of German Idealism*. New York: Columbia College, 1894, p. 32.

26 2p40s2. Todas as referências a *Ethica: More Geometrico Demonstrata* (ESPINOSA, B. Spinoza Opera. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1925. 631 p.v.1.) seguirão o padrão de citação adotado na *The Cambridge Companion to Spinoza's Ethics* (KOISTINEN, O. (Org). The Cambridge Companion to Spinoza's Ethics. New York: Cambridge University Press, 2009, p. IX).

foram determinadas a existir e operar de certa e determinada razão, estes novamente e assim ao infinito²⁷

Por esta duração Espinosa entende a percepção das coisas sob um recorte da eternidade, isto é, um sujeito determinado por causas exteriores que as reconhece como determinadas por outras, mas não é capaz de reconhecer a totalidade desse conjunto de determinação. Nas palavras de Lívio Teixeira:

Todas as vezes que percebemos as coisas segundo a ordem comum da natureza, isto é, segundo a ordem fortuita dos encontros do nosso corpo com outros corpos exteriores a nós, essas percepções não nos podem dar da alma, do nosso corpo ou dos corpos exteriores nenhuma ideia adequada²⁸

Espinosa chega a utilizar do termo *mutilatam* para designar esse conhecimento que não é capaz de alcançar o todo temporal²⁹. Mais claramente, a *Ethica* define as imagens, ou seja, os produtos da imaginação, como: “Chamaremos de imagens das coisas, as afecções do corpo humano que nos representam ideias dos corpos exteriores como presentes, embora elas não se refiram as formas das coisas”³⁰. Destas afirmações, se conclui que o sujeito infere uma relação causal a partir da estrutura limitada das coisas singulares, que são sempre determinadas por outras, e assim ao infinito, sem alcançar a vera causa, a concatenação total a partir da substância. Porém, diferente dos modos, a substância é *causa sui*, não sendo determinada por algo fora de si. Isto tem uma importante implicação no conceito de eternidade a qual alcançam o segundo e terceiro gêneros:

Consequentemente, Espinosa define eternidade como um “atributo o qual nós concebemos a infinita existência de Deus”. “Infinito” é usado aqui no sentido de “sem causa” em contraste ao “criado”, o qual como vimos, é usado por ele na sua definição de duração no sentido de “causado”³¹.

Desta maneira, a forma que Espinosa encontra para explicar a relação causal a partir do primeiro gênero de conhecimento, são os casos em que essa derivação ocorre na experiência e são armazenados na *Memoria*, segundo o testemunho da mente: “Se uma vez o corpo humano foi

27 2p30d.

28 TEIXEIRA, L. A Doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa. São Paulo: Unesp, 2001, p. 163.

29 2p35.

30 2p27s.

31 WOLFSON, H. A. The Philosophy of Spinoza. Massachusetts: Harvard University Press, 1934, p. 368. v.1.

afetado por dois objetos ou mais simultaneamente, quando mais tarde a mente imaginar um deles, recordará imediatamente do outro”³².

Jacobi utiliza-se dessa característica imaginativa espinosiana para apontar “o erro da sucessão” da filosofia representacional, que outorga ao todo simultâneo, a que refere a *Ethica*³³, o estatuto temporal. Nas palavras de Jacobi: “Tudo é simultâneo na natureza, e o que nós chamamos de sucessão, é puramente aparência”³⁴. A filosofia jacobiana, com esta constatação, todavia, embrenha-se em uma situação delicada. É inegável a presença da noção de causalidade na cognição, entretanto, sendo a realidade simultânea, a origem desse conceito torna-se aparentemente inexplicável, uma vez que é vetada a possibilidade de se deduzi-la da experiência. Resta, destarte, se não abraçar o idealismo kantiano com suas categorias puras, procurar no interior das filosofias de Hume e Espinosa, uma solução suficiente. Kant, com a finalidade de uma validade universal para o conceito de causalidade, o deduziu no capítulo *Von der Deduktion der reinen Verstandesbegriffe* da *Kritik*, a partir de estruturas puras na capacidade cognitiva. Esse processo ocorria por meio da relação entre as modificações do sentido interno do tempo e os modelos do esquematismo, que tinham sua ligação garantida pela ferramenta da imaginação (*Einbildungskraft*). Tornava-se assim possível a aplicação das categorias puras do entendimento, não aos objetos, mas a intuição pura do tempo. Assim deduziu-se a causalidade: “O esquema da causa e da causalidade de uma coisa em geral é o real, o qual se colocado ao acaso, outro sempre se segue. Ele mantém-se também na sucessão do diverso, enquanto está submetido a uma regra”³⁵. Afastando-se definitivamente desta solução, Jacobi utiliza-se da relação dos corpos no espaço físico como saída para uma dedução do conceito quejando absolutamente necessário (*absolute Notwendigkeit*).

A Dedução Jacobiana do Conceito de Causalidade

Sua dedução, então, perpassa pelas seguintes etapas: a consciência se dá no exato momento em que o objeto se revela, revelando, consecutivamente a consciência. Há portanto, aí, a consciência de coisas externas e, externas sendo, têm de vir de algum lugar. Por conseguinte,

32 2p28.

33 “Aqui se segue, primeiro que a existência de Deus, assim como a sua essência, são uma verdade eterna” (1p20c1).

34 JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p.196.

35 KrV, B183/A144.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.2	Dezembro 2018	p.149-160
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

deve existir algo (*Etwas*) fora da consciência necessariamente. Estando duas coisas fora uma da outra, estas se afetam reciprocamente, configurando aí, seres extensos (*ausgedehntes Wesen*). Além de existirem de maneira ideal, o ser humano e a natureza finita em geral, existem também extensamente. Cada uma dessas naturezas possui em seus corpos, o atributo de indivisibilidade (*Unzertrennlichkeit*), o que lhe confere também o estatuto de indivíduo (*Individa*), podendo assim, distinguir-se dos demais. Se ao indivíduo pertence a capacidade de agir sobre os demais seres extensos, ele deve agir sobre seres extensos impenetráveis (*Undurchdringlichkeit*), já que a absoluta penetrabilidade não comporta entidade alguma. O contato de dois seres impenetráveis tem como resultado a resistência (*Widerstand*), inaugurando-se, deste modo, a relação de ação e reação (*Wirkung und Gegenwirkung*): “A resistência no espaço, ação e reação, é a fonte da sucessão; e do tempo, que é a representação da sucessão”³⁶. A derivação, funcionando a partir destes conceitos físicos, assim, estende sua aplicação a todos os seres finitos, permitindo uma universalidade de seu uso por estes.

É bastante semelhante a maneira como Espinosa, em um exemplo da *Ethica*, demonstra a dedução de uma noção comum partindo do campo físico. A razão, segundo gênero de conhecimento, é o primeiro deles a alcançar a eternidade³⁷. É com a razão que o sujeito é capaz de deduzir estas noções, tais quais as que Jacobi procura em seu *David Hume*, denominando-as, porém, como conceitos (*Begriffe*):

Sendo A comum e próprio ao corpo humano e a alguns corpos externos, e igualmente existindo no corpo humano e nesses corpos externos, finalmente, igualmente em qualquer parte do corpo externo e no todo. Dar-se-á em Deus uma ideia adequada de A
38.

Importa notar que a razão para Espinosa cumpre a função de um caminho seguro à ciência intuitiva (*Scientiam intuitivam*), terceiro e mais elevado gênero de conhecimento. Sendo esta última, não apenas uma noção comum ou ideia adequada de um conjunto de coisas, mas a ideia adequada da essência destas, isto é, do ponto de vista da eternidade. Como explica Léon Brunschvicg em seu *Spinoza et ses contemporains* (1951):

36 JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p.213.

37 “É da natureza racional perceber as coisas sob um certo aspecto de eternidade” (2p44c2).

38 2p39d.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.2	Dezembro 2018	p.149-160
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

O conhecimento do segundo gênero já é adequado no sentido que ele tem por objeto a natureza universal, mas ele permanece, no entanto, parcial porque retém dessa natureza total nada além das propriedades comuns, das leis abstratas. É a essência da razão ir da parte ao todo, porque a parte a que o todo é sua condição de inteligibilidade é a parte seguinte da existência. A parte é uma consequência, o princípio é o todo. À medida em que ela determina um grande número de leis, o espírito adquire uma consciência mais total, se podemos dizer, da natureza, ao mesmo tempo, ela traz esse conhecimento total, de volta a um princípio único, até que enfim, ele atinge o ser no qual estão unidos e a realidade infinita, porque é a totalidade e inteligibilidade absoluta, porque é unidade, até chegar a Deus³⁹.

O conceito de Deus, contudo, separa cabalmente Espinosa e Jacobi. Abraçando-se à transcendência - surge o terceiro e último passo jacobiano contra a filosofia representacional. Daí para frente, o *David Hume* toma o rumo da solução para a origem dos objetos da experiência a partir de uma filosofia da providência.

Deus: Sustentáculo Ontológico da Experiência

Como expresso anteriormente, a consciência e as coisas, para Jacobi, dão-se simultaneamente. Nessa direção, se desenvolve a sua compreensão de vida (*Leben*), um todo complexo de inteiração construído pela relação desses dois elementos. Visto que a consciência e as coisas se dão num momento único, toda percepção revela algo externo e interno tautocronicamente, sendo assim, toda percepção é já também, um conceito. O ponto a que Reinhold chama a atenção posteriormente, segue os vetores da argumentação jacobiana - a tentativa de conceber um objeto totalmente alheio à consciência é absurda, nas palavras de Jacobi, essa empresa equipara-se a conceber: “A consciência fora da consciência, a vida fora da vida, a verdade fora da verdade”⁴⁰. A consciência e exterioridade são um todo na vida, enquanto surgimento imediato destes. Essa consciência alcança um grau maior, quanto mais se diferencia das coisas, sendo Deus o ser mais distinto, e a única razão totalmente pura (*ganz reine Vernunft besitzen*). Já para o sujeito com o grau de consciência humano, o conceito puro - como o da causalidade – é passível de dedução, unicamente na vida: “Como vimos, o que chamamos de conceitos e proposições a priori, são aqui dados positivos e imediatos da realidade que se apresentam a nós”⁴¹. Disto, se segue não apenas, um ataque contra a doutrina a priori da dedução

39 BRUNSCHVICG, L. Spinoza et ses Contemporains. 4^a Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1951, p.117.

40 JACOBI, F. H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p.232.

41 JACOBI, F.H. Werke: *Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p.267.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.11 – Nº.2	Dezembro 2018	p.149-160
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	-----------

de conceitos puros, como também àquela dedução puramente empírica: “Aos olhos de Jacobi, pelo conhecimento do ser, como ele era, expresso no material subjetivo, eles [conceitos] são, portanto, expressões de uma individualidade distinta, e não meramente um espelho de relações objetivas”⁴². O conhecimento se faz na relação entre o objetivo e o subjetivo, externo e interno que se revela nesse conjunto único da vida.

A esta vida Jacobi atribuirá a origem ao que ele chama de Senhor ou Rei da Vida (*Herr oder König des Lebens*). Este ser é responsável por manter a unidade do mundo, não permitindo, todavia, a si mesmo ser matéria da experiência. Isso garante que a confiabilidade no dado experiencial, na medida em que os objetos possuem “valor ontológico”, são entes reais. Como explica Brunel em seu artigo *De Protée à Polyphème: La Crise de la rationalité chez F.H Jacobi*:

Quando Jacobi evoca a razão como faculdade de revelação ele tenta reatar aqueles amores auxiliares da teologia pela razão e a ciência. Ele não procura restaurar a dominação hegemônica da teologia sobre a filosofia, mas ele estima que essa revolta da filosofia moderna vá longe demais; é a filosofia ela mesma que é ameaçada na sua existência se os fenômenos forem reduzidos a simples representações, se ela nega a qualidade própria da percepção metafísica e contesta a verdade que ela mesma testemunha ⁴³.

No que tange à possibilidade de acesso a esse Ser, ela está atrelada diretamente ao grau de distinção da consciência. Este acesso é possível por meio da ascensão do grau de consciência, pela distinção cada vez maior de si, com relação as coisas exteriores: “Com essa engraçada propriedade da razão, nós recebemos a intimação de Deus, ELE QUE É: um ser que tem sua vida em si mesmo”⁴⁴. Sem considerar a Deus, toda a estrutura cognitiva cai por terra, sendo ela dependente da vida a qual tem sua fonte em Deus. Sem a aceitação dessa revelação positiva (*positive Offenbarung*)⁴⁵, deve considerar-se também inaceitável o testemunho dos sentidos que são da mesma maneira, matéria de revelação e fé.

42 WILDE, N. Friedrich Heinrich Jacobi: A Study in the Origin of German Idealism. New York: Columbia College, 1894, p.49.

43 BRUNEL, P.J. “De Protée à Polyphème. La Crise de la Rationalité chez F.H Jacobi”. In: *Études Germaniques*, Paris, n. 251, p.571 – 600, 2008, p. 577.

44 JACOBI, F.H. Werke: Zweyter Band. Leipzig. Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815, p.287.

45 *Prima facie*, Jacobi recai no subjetivismo na tentativa de uma solução para uma filosofia apontada justamente como subjetivista. Entretanto, como bem apontou Nicolai Hartmann: “Segundo Jacobi, pelo contrário, a raiz da fé na natureza dos objetos é a revelação de um não-subjetivo” (HARTMANN, N. *Die Philosophie des Deutschen Idealismus*. 2ª ed. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1960, p. 30. v.1).

Referências

- ACERBI, A. *Il sistema di Jacobi: Ragione, esistenza, persona*. Hildesheim-Zürich/New York: Georg Olms Verlag, 2010. 279 p.
- BRUNEL, P.J. “De Protée à Polyphème. La Crise de la Rationalité chez F.H. Jacobi”. In : *Études Germaniques*, Paris, n. 251, p.571 – 600, 2008.
- BRUNSCHVICG, L. *Spinoza et ses Contemporains*. 4ª Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1951. 309p.
- DIGIOVANNI, G. (Org). *Karl Leonhard Reinhold and the Enlightenment*. Montreal: Springer, 2010. 337 p.
- ESPINOSA, B. *Spinoza Opera*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1925. 631p. v.1.
- HARTMANN, N. *Die Philosophie des Deutschen Idealismus*. 2ª ed. Berlin: Walter de Gruyter & Co, 1960. 575 p. v.1.
- HENRICH, D. *Between Kant and Hegel: Lectures on German Idealism*. 1ª ed. Massachusetts: Harvard University Press, 2003. 341 p.
- HUME, D. *Enquiry Concerning Human Understanding*. Oxford: Oxford University Press, 2004. 85 p.
- JACOBI, F.H. *Werke: Zweyter Band*. Leipzig: Gerhard Fleischer d. Jüng, 1815. 544 p.
- KANT, I. *Kritik der Reinen Vernunft*. Hamburg: Felix Meiner, 1956. 766 p.
- KOISTINEN, O. (Org). *The Cambridge Companion to Spinoza's Ethics*. New York: Cambridge University Press, 2009. 316 p.
- REINHOLD, K.L. *Versuch einer neuen Theorie des menschlichen Vorstellungsvermögens*. Prag/Jena: Widtmann und J.M Mauke, 1795. 579 p.
- TEIXEIRA, L. *A Doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa*. São Paulo: Unesp, 2001. 196 p.
- SNOW, D.E. “Jacobi and the Development of German Idealism”. In: *Journal of the History of Philosophy*, Maryland, v.25, n.3, p. 397 – 415, 1987.
- WILDE, N. *Friedrich Heinrich Jacobi: A Study in the Origin of German Idealism*. New York: Columbia College, 1894. 77 p.
- WINDELBAND, W. *A history of Philosophy*. Trad. James H. Tufts. 2ª ed. New York: London Macmillan & CO, 1893. 726 p.
- WOLFSON, H.A. *The Philosophy of Spinoza*. Massachusetts: Harvard University Press, 1934. 440 p. v. 1.